

A GEOGRAFICIDADE DRUMMONDIANA DE MAQUINAÇÃO DO MUNDO

Nayara da Silva Stockler¹

WISNIK, José Miguel. **Maquinação do mundo: Drummond e a mineração.**
São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
ISBN: 978-8535931310.

Já se completam-se três anos do rompimento da barragem da Mina Córrego do Feijão e o consequente derramamento de rejeitos da exploração mineral da multinacional Vale no território de Brumadinho. Um dos maiores crimes socioambientais da história brasileira, cujos impactos recaíram avassaladoramente sobre moradores, trabalhadores, visitantes e sobre o Rio Paraopeba. Além dos danos causados, somam-se anos de impunidade, marcados pela resistência e tentativa de reorganização das comunidades atingidas.

Submersa também encontra-se a disputa judicial para o reversão dos prejuízos e a minoração dos danos causados à biodiversidade, às pessoas e suas histórias individuais e coletivas. Em início de fevereiro do ano de 2021, o Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG) homologou o

¹ Programa de Pós-Graduação em Geografia – FCT Unesp Presidente Prudente. nstockler@gmail.com.
✉ Rua Roberto Simonsen, 305, Centro Educacional, Presidente Prudente, SP. 19060-900.



A geograficidade drummondiana de *Maquinação do Mundo*

acordo judicial de indenização sob muitos protestos. Os atingidos questionam o valor acordado e a aplicação de parte dele em melhorias na infraestrutura da região metropolitana de Belo Horizonte, pelo Governo do Estado. Somam-se a isso inúmeras acusações contra a entidade responsável pelo amparo às vítimas, levando a intervenção do Ministério Público de Minas Gerais (MPMG) com o pedido de extinção da Fundação Renova por desvio de finalidade e ineficiência.

Certamente Carlos Drummond de Andrade não teria sido capaz de prever todos os impactos da mineração no quadrilátero ferrífero mineiro, mas certamente foi capaz de pormenorizar todo o processo de constituição e consolidação da atividade mineradora em seu território, a partir de seu lugar. Sua obra petrifica em palavras o desenvolvimento da indústria mineral por meio de uma lírica crítica e pelas percepções geográficas a partir da cidade natal e do processo de pulverização gradual do material e simbólico “Pico do Cauê”.

Os livros e contribuições recorrentes de Drummond em formato de crônicas publicadas em jornais são, além de parte do conjunto elementar da literatura moderna brasileira, denúncias contra os desdobramentos das atividades mineradoras, minuciosamente analisadas na obra **Maquinação do Mundo: Drummond e a mineração**, de José Miguel Wisnik, publicada em meados de 2018 pela editora Companhia das Letras.

Como crítico literário, o autor nos adentra no mundo da arte abrindo diversos caminhos reflexivos, sendo um deles o da possibilidade de se constituir uma geograficidade drummondiana. A própria trajetória de vida de Carlos Drummond de Andrade, que antecede as modificações estruturais da cidade de Itabira, está intimamente ligada ao mundo geográfico. A evocação recorrente da ideia de “mundo” nos textos do escritor é apenas um dos elementos concretos que atestam sua leitura totalizante, além do fato de o próprio poeta ter sido professor de português e geografia, concomitantemente, no início de sua carreira. A relação e a construção da geoliteratura mineira já eram apreensíveis desde então.

A análise realizada em *Maquinação do Mundo* ultrapassa a crítica literária, já que intenta com sucesso pontuar a figura de Drummond também como um ativista ambiental de sua época. As palavras de Wisnik exortam percepções sobre as modificações do espaço em poemas e crônicas, o que fica evidente nas escolhas do livro e no entendimento de que “é intrigante que haja tanta geografia e tanta história mundial no imaginário da Itabira drummondiana” (p. 47). O autor obrigatoriamente dialoga com inúmeros excertos e opta por algumas transcrições na íntegra, em especial dos três volumes de Boitempo (1968; 1973; 1979) e Claro Enigma (1951); este último acompanhado de uma maior reflexão filosófica sobre a técnica, a partir do poema que inspira o nome deste livro.

São seis capítulos que se desdobram: (1) desde a visita despropositada do autor à cidade de Itabira, que o faz (re)conhecer a paisagem que motiva toda obra e trajetória de um poeta; (2) a contextualização de parte desta obra no espaço-tempo e a mundialização da pequena cidade durante a Segunda Guerra Mundial; (3) o processo de

A geograficidade drummondiana de *Maquinação do Mundo*

territorialização da indústria pesada e suas consequências sociais e fundiárias; (4) os processos macro e micro políticos subjacentes à exploração mineral; (5) as reflexões sobre o poema "A Máquina do Mundo"; (6) e a defesa do caráter contraditório do poeta. Já nos primeiros capítulos se percebe de forma mais evidente a geografia, e nos últimos, um diálogo profundo dessa com a filosofia.

Autores como Chaveiro (2014, p. 41) defendem uma aproximação entre as leituras geográficas e literárias, especialmente pela forma como operam suas estruturas de linguagem e a organização das esferas do conhecimento, o que para ele significa "entrançar o mundo do conceito – próprio da empresa acadêmico-científica – ao mundo da experiência humana". E esse é o caminho ao qual a leitura de *Maquinação do Mundo* nos induz a todo tempo, a propósito de ideias e relações como espaço-tempo, lugar, paisagem, escala, dentre outras.

É possível identificar na análise o quanto há de elementos e reflexões na obra de Drummond que vão da Geografia Crítica até a Geografia Humanista Cultural. Há também uma compreensão de que "os pontos culminantes da literatura mineira estão entranhados na geografia física, e em Minas Gerais a geografia física, entranhada na experiência individual e coletiva, é geografia humana" (p. 72). Isso se verifica em outros autores clássicos e da literatura contemporânea, fortalecendo a concepção de uma geoliteratura mineira e a possibilidade de diálogos transversais.

Alguns pontos que merecem destaque em sua análise criteriosa estão na questão fundiária, que vai desde o processo de apropriação dos territórios indígenas ao apogeu e declínio da oligarquia mineira, trazendo à tona também os conflitos pessoais e íntimos do poeta. Com a chegada da empresa anglo-americana Itabira Iron Ore Company, em 1910, inicia-se um processo de especulação e estrangeirização de terras, motivado pela exploração mineral. As relações geopolíticas determinam o lugar estratégico da cidade de Itabira no abastecimento de ferro e posteriormente, com a mudança do paradigma econômico e a nacionalização que cria a Companhia Vale do Rio Doce em 1942, aceleram por conseguinte a expansão da economia do saque ambiental capitalista (HARVEY, 2011). A exploração mineral é portanto uma leitura em diferentes escalas de significados e de proporções, na qual "Itabira é o mundo, é este que se anunciava, então, como sendo aquele que conhecemos: administrado pela técnica, movido pelo lucro e danificado até o esgotamento" (p. 25)

Outro ponto mais evidente, mas que merece muita atenção, é a utilização de instrumentos como a paisagem e suas relações com o lugar. Esses elementos se fortalecem à medida que o poeta problematiza as transformações que culminaram na queda do sino da Igreja Matriz do Rosário, um grande marcador temporal de toda pequena cidade mineira. Além dele, somam-se outros dois elementos importantes na observação do poeta, concentrados na

A geograficidade drummondiana de Maquinação do Mundo

pulverização do Pico do Cauê e na transformação da antiga propriedade da família, a Fazenda Pontal, em depósito de rejeitos da mineração.

Dardel (2015) define a realidade geográfica a partir do lugar, dos significados imbricados nas relações desde a infância, com os deslocamentos do homem e suas experiências com a Terra, o que na obra do poeta mineiro é mais do que evidente, com a utilização de um amplo vocabulário geográfico. Para Wisnik, esses elementos configuram a paisagem drummondiana e as percepções do espaço vivido, que só é possível ser apreendida com o rigor da experiência, pois “in loco, a escala desses lugares soa muito mais cerrada e contígua do que imaginaríamos à distância” (WISNIK, 2008, p. 30).

Mais um ponto que merece destaque no esforço magistral do autor é o estabelecimento de relações com outros pensadores. Assim, a questão da técnica em Heidegger (2002) aparece como elo comparativo, a partir da análise sobre a instalação de uma usina hidrelétrica no rio Reno. O filósofo alemão propõe com este exemplo uma inversão de sentido, na qual não seria mais o empreendimento exploratório aquele que se instala no lugar, mas sim o seu oposto. Isso significa dizer, em termos drummondianos, que é a pequena Itabira que passa a se instalar na empresa Vale, em uma relação onde a matéria-prima ali existente e o próprio lugar se tornam disponíveis como estoque.

O compromisso com o pico do Cauê é uma forma de posse comum (cada habitante detém dele um pedaço simbólico e íntimo), mas é também uma penhora (cada um tem uma parte inalienável de si empenhada no destino desse acidente congênito da geografia local). É como se o acidente geológico se constituísse, assim, num silencioso banco de crédito, consolidado não na economia material do saque capitalista, mas na economia imaterial da dádiva-dívida, com seu lastro em ferro vinculado ao ferro das almas. (p. 138)

O poeta talvez não pudesse imaginar o campo minado constituído pela exploração de ferro no território mineiro, nem a gravidade da presença deletéria da mineração que, em menos de uma década, ocasionou os desastres de Mariana e Brumadinho, equidistantes cerca de 150 km de sua cidade-lugar. A sinergia entre poderes públicos e a empresa Vale apaga histórias e vidas, mas elas resistem no espaço. Sua resistência é parte de um processo de luta pelos territórios e de (re)significação, assim como a militância presente na obra do poeta, construída na realidade geográfica das relações com o lugar, na identidade, na afetividade, no horizonte de pedra e nas inquietações com a máquina do mundo. ☉

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Boitempo & a Falta que Ama**. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Boitempo II: menino antigo**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1973.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Boitempo III: Esquecer para lembrar**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1979.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Claro Enigma**. São Paulo: Record, 1951.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. Dizibilidades literárias: a dramaticidade da existência nos espaços contemporâneos. **Geograficidade**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 40-51, 2015.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

HARVEY, David. A destruição criativa da terra. In: HARVEY, David. **O Enigma do Capital: e as crises do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2011.

HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. In: HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2002.